

PRÁTICAS E PERSPECTIVAS DA ENFERMAGEM ESCOLAR NO CONTEXTO DA CRISE SANITÁRIA PELA COVID-19

Nadyelle Elias Santos Alencar – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Pedreiras.

RESUMO

O contexto pandêmico atual acarretou em implicações importantes ao setor educacional. Cerca de 90% da população escolar mundial foi afastada das atividades e os impactos à saúde física, psicológica e social ainda são difíceis de serem mensurados. Nesse sentido, emerge a importância da interdisciplinaridade entre os setores da saúde e educação, e da atuação do profissional da saúde nas escolas. O presente estudo discute os espaços conquistados pela enfermagem no contexto escolar, as novas demandas frente à pandemia pela COVID-19, e as suas perspectivas futuras. Defende-se que, diante das necessidades relacionadas à pandemia, a práxis da enfermagem escolar é evidenciada por uma tríade de ações administrativas, assistenciais e educacionais.

Palavras-chave: Serviços de Saúde Escolar; Enfermagem; Infecções por Coronavírus.

INTRODUÇÃO

A pandemia pelo novo coronavírus resultou na adoção de uma série de medidas sociais e econômicas, com implicações importantes ao setor educacional. No intuito de reduzir o número de casos da COVID-19, países em todo o mundo estabeleceram, de modo mais (ou menos) enérgico, a contenção social como regra básica para o combate ao vírus e o achatamento da curva de transmissão da doença. Como repercussão, instituições de ensino foram fechadas e cerca de 90% da população mundial de crianças e adolescentes foi afastada das atividades escolares (KHATTAB; ABBAS; ABBAS; MEMON, 2020).

O fechamento das escolas baseia-se em experiências exitosas relacionadas ao controle de doenças de transmissão respiratória por meio da promoção do distanciamento social e do encerramento de atividades de ensino presenciais. Esse é o caso da Influenza, doença para a qual crianças apresentam importante papel epidemiológico no ciclo de propagação do vírus, além de serem os mais afetados pelos quadros graves da infecção. Entretanto, até onde se tem conhecimento, para a COVID-19, a dinâmica de transmissão parece ser diferente, com baixo efeito clínico para crianças e adolescentes (VINER et al 2020).

Para a população jovem, questões econômicas e sociais parecem representar o principal desafio a ser enfrentado durante e após o período pandêmico. Nessa perspectiva, é necessário ponderar os riscos e benefícios associados à interrupção das atividades escolares, sobretudo aos mais vulneráveis. Como benefícios, destaca-se a minimização do impacto do vírus e o exercício da responsabilidade social para proteção daqueles em maior risco de complicações pela doença. Por outro lado, o distanciamento da escola corrobora para impactos físicos, psicológicos e sociais à comunidade discente. Desse modo, além da restrição da aprendizagem e da socialização, o acesso aos programas de assistência estudantil é prejudicado (THE LANCET, 2020).

Em razão da mitigação da doença e redução do número de casos, alguns países planejam e vivenciam a reabertura das atividades presenciais nas escolas. Embasado por evidências epidemiológicas, o (re)planejamento das atividades escolares deve garantir estratégias para promoção da segurança sanitária que dar-se-ão sobretudo por meio do diálogo com a comunidade e das ações de educação em saúde. Nesse contexto, emerge a importância da interdisciplinaridade entre os setores da saúde e educação, e da atuação do profissional da saúde nas escolas (ARMITAGE; NELLUMS, 2020).

Destaca-se que, o profissional da enfermagem é referência no âmbito das ações educativas em saúde. A enfermagem, enquanto ciência, evidencia a união dialética entre o conhecimento/saber e a práxis/fazer, e a sua atuação profissional não se limita à tecnificação. O cuidado de enfermagem, percebido na ótica da educação em saúde, envolve a articulação constante entre o conhecimento e o agir consciente e intuitivo com vistas à elevação do status de saúde do outro, tomando por base seu contexto sociocultural e respeitando as suas especificidades (VALE, PAGLIUCA, QUIRINO, 2009).

Baseado no exposto, os debates atuais revelam preocupações relativas à garantia do retorno seguro às atividades escolares presenciais. Para tanto, faz-se oportuna a discussão da práxis dos cuidados de enfermagem no âmbito escolar diante do retorno às aulas. O presente estudo visa discutir os espaços conquistados pela enfermagem no contexto escolar, as novas demandas frente ao contexto pandêmico atual e as suas perspectivas futuras.

SAÚDE E ENFERMAGEM NA PERSPECTIVA ESCOLAR

O movimento da saúde escolar despontou na Alemanha do século XVIII, na figura do médico Johann Peter Frank, considerado o pai da saúde escolar. Na época, sob influência do

pensamento político e econômico vigente, as ações de saúde baseavam-se na polícia médica (FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010). Nesse sentido, os primórdios da saúde escolar estiveram associados ao controle coercivo do Estado sobre os problemas sanitários. O intuito era assegurar o bem-estar e defender os interesses gerais da nação mesmo que para isso fosse necessário contrariar interesses individuais (OSMO; SCHRAIBER, 2015).

Da Alemanha, o movimento expandiu-se para outros países do continente europeu e para os Estados Unidos da América (FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010). Em relação à América latina, as ações de saúde escolar iniciaram na Argentina, em 1881 (BATTOLLA; BORTZ, 2007), e chegaram ao Brasil em 1890, na cidade de São Paulo. Entretanto, a instituição dos serviços escolares no país só aconteceu no século seguinte: Rio de Janeiro (1910), São Paulo (1911) (ZUCOLOTO, 2007).

A enfermagem escolar, por sua vez, teve seus primeiros registros no Brasil em 1930, com caracterização similar ao modelo americano que propõe atuação conjunta com os demais profissionais da educação, família e comunidade, no intuito de assegurar o máximo de saúde aos estudantes. De início, marcada por políticas públicas fiscalizadoras e impositivas, o exercício da enfermagem escolar logo perdeu espaço para outra categoria profissional, a de educador sanitário. Isso porque, havia carência de profissionais com formação acadêmica e busca reduzida da escola como espaço de trabalho por enfermeiros (RASCHE; SANTOS, 2013).

Desde que surgiu no Brasil, a saúde escolar passou por readequações, sendo incorporada aos currículos escolares em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A referida legislação tornou obrigatória a implementação de ações de educação em saúde em todas as escolas brasileiras, de forma transversal e contextualizada, de acordo com a realidade local. Além disso, propõe a implementação de programas suplementares de assistência à saúde no ensino básico (PIRES et al., 2012).

A proposta de intersetorialidade foi reafirmada em 2007 por meio do Programa Saúde na Escola (PSE), passo importante para o reconhecimento e valorização das práticas de educação em saúde no contexto escolar. O PSE, dentre outras ações, defende o enfrentamento de vulnerabilidades e o pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens por meio de programas e projetos que articulem saúde e educação. Desse modo, o atual contexto é uma oportunidade para repensar práticas, estreitar laços e evidenciar a importância da atuação dos profissionais da saúde no ambiente escolar (BRASIL, 2007).

Na escola, as práticas de saúde ocorrem sob duas perspectivas. A primeira remete à detecção precoce de enfermidades agudas ou crônicas. A segunda, à análise da saúde e seus determinantes, no contexto individual, familiar, social ou ambiental. Além disso, salienta-se a atuação da enfermagem na educação em saúde, no desempenho de funções assistenciais, educacionais e administrativas (CHRISTMANN; PAVÃO, 2015).

Disto isto, sumariza-se que além das convencionais ações assistenciais de avaliação da saúde e detecção precoce de situações de vulnerabilidade, com oportuno encaminhamento à rede de atenção à saúde, a enfermagem apresenta competências valorosas ao planejamento do cotidiano escolar. Entretanto, no Brasil, a atuação da enfermagem escolar é frequentemente subestimada, muito em razão da dificuldade em reconhecer a importância da atuação de profissionais da saúde fora do ambiente hospitalar (PIRES et al., 2012).

PRÁXIS DA ENFERMAGEM ESCOLAR E A COVID-19

A pandemia pela COVID-19 representa um desafio sem precedentes à sociedade contemporânea, com impactos ainda difíceis de serem mensurados. No contexto educacional,

diante da mitigação da doença, alguns países já planejam ou vivenciam o retorno às atividades presenciais, após longos meses de inatividade, adotando as devidas recomendações sanitárias. Destaca-se que as ações de enfermagem são essenciais para a garantia da saúde e segurança da comunidade escolar e têm a sua importância evidenciada diante da nova realidade (McDonald, 2020).

No Brasil, desde junho de 2020, os debates em busca da garantia de um retorno seguro às aulas tornaram-se frequentes. Em virtude da dimensão territorial extensa e das disparidades regionais quanto à fase de transmissão da doença, as opiniões sobre quando e como retomar as atividades não são unânimes, e as especificidades locais são levadas em consideração pelas autoridades no processo de tomada de decisão. Além disso, a ciência e a busca por evidências científicas confiáveis conquistaram espaço no meio social. É diante da busca incessante pelas melhores recomendações nacionais e internacionais que a enfermagem ganha espaço.

Em se tratando dos desafios a serem vivenciados pelas instituições de ensino, os países que apresentam um serviço de enfermagem escolar bem definido e atuante apresentam vantagens no processo de readaptação. A prática da enfermagem escolar baseia-se na abordagem integral do indivíduo, em relação à sua saúde física, mental e social. Mas do que o cuidado direto à saúde, em condições crônicas ou agudas, a enfermagem, por meio da educação em saúde, atua como elo entre as melhores evidências e a comunidade escolar (NASN, 2020).

Para um retorno gradual e seguro às atividades, as medidas propostas devem atender à realidade local, o que se torna possível através do diálogo com a comunidade e reconhecimento das suas necessidades específicas (ARMITAGE; NELLUMS, 2020). Nesse sentido, a enfermagem deve ser entendida como parte integrante de qualquer organização escolar, com atuação que ultrapassa os limites assistenciais, exerce importante papel em atividades educativas e administrativas especializadas. Apesar da relevância, no âmbito educacional brasileiro, a presença do enfermeiro na escola é insuficiente quando comparada à realidade de outros países (PIRES et al., 2012).

Até onde se tem conhecimento, não há no país cursos formadores de enfermeiros escolares, o que reduz o reconhecimento da especialidade. O enfermeiro deve atuar como responsável técnico pelo cuidado, na observação da rotina escolar, identificação de problemas e delineamento de soluções. Entretanto, a atuação da saúde escolar frequentemente se limita a ações pontuais e sem a formação de vínculo efetivo entre a instituição de ensino, o profissional de saúde e a comunidade escolar. (RASCHE; SANTOS, 2003).

Baseado no exposto, infere-se que a presença do enfermeiro no ambiente escolar pode ser decisiva no processo de retorno às atividades presenciais no contexto pandêmico atual. No que concerne à atuação administrativa, a enfermagem, por meio das competências inerentes ao profissional, promove a solução de problemas com base nas melhores evidências científicas. A prestação de consultorias, o diagnóstico situacional e a elaboração de protocolos de medidas sanitárias locais, com disposição para o contínuo replanejamento, são algumas das ações da enfermagem no preparo e organização institucional para a volta às aulas de modo criterioso (ARMITAGE; NELLUMS, 2020).

Em referência à práxis assistencial intrínseca à profissão, no contexto da COVID-19, a enfermagem escolar atua em duas perspectivas. No planejamento para o retorno, o enfermeiro exerce ações importantes na caracterização da comunidade escolar, identificação dos grupos de risco e mapeamento epidemiológico de discentes, docentes e demais profissionais. Ademais, tem atuação decisiva na retomada das atividades presenciais através do rastreamento de casos,

contínuo replanejamento das necessidades locais, e atenção às repercussões psicológicas e sociais advindas do período de isolamento social.

Sobre as estratégias de cuidado e acompanhamento da comunidade escolar na ocasião do retorno, sugere-se a garantia de assistência sobretudo aos que vivenciaram o luto durante o período da pandemia, perderam amigos e familiares e tiveram as suas vidas conturbadas. Danos psicológicos, quadros ansiosos e depressivos, além de hábitos perigosos relacionados à exacerbção do uso de telas e da inatividade física são exemplos de temas que deverão tornar-se preocupação durante e após a pandemia (THE LANCET, 2020).

Além do apoio psicológico, o rastreo das necessidades sociais é essencial, uma vez que, a taxa de evasão escolar e de trabalho infantil em contexto pós pandemia é elevada. Nesse sentido, é imprescindível a identificação e acompanhamento daqueles em maior vulnerabilidade social, com impactos econômicos, nutricionais ou educacionais. Assim, destaca-se que a atuação da enfermagem não deve ser solitária, percebe-se a necessidade da formação de uma rede de apoio multiprofissional para atuar junto às instituições de ensino com vistas à redução de danos (VINER et al., 2020).

A atuação multiprofissional possibilita um retorno planejado, seguro e atento à realidade local. Acrescenta-se que a possibilidade de novas ondas de contágio representará preocupação enquanto não existirem tratamentos ou vacinas com eficácia comprovada contra a doença. O retorno às atividades acadêmicas presenciais, mesmo que com carga horária reduzida e adoção de todas as medidas sanitárias recomendadas não exclui a possibilidade de propagação do vírus e elevação no número de casos (KHATTAB et al., 2020).

Por fim, a enfermagem escolar apresenta atuação valiosa por meio de práticas educativas. A educação em saúde é uma das principais contribuições da enfermagem escolar, ocorrem por meio de estratégias individuais ou coletivas, e tem como foco toda a comunidade acadêmica: discentes, docentes, demais servidores e comunidade adstrita (CHRISTMANN; PAVÃO, 2015). Diante da pandemia vivenciada e considerando a importância das medidas sanitárias e de higiene para frear a propagação do vírus, as ações educativas são imprescindíveis à toda a sociedade. Seja por meio da divulgação do conhecimento ou do esclarecimento de dúvidas, o estímulo ao cuidado de si, e consequentemente do outro, devem ser trabalhados de forma interdisciplinar no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A enfermagem e as ações de saúde escolar atuam na práxis da promoção da saúde e repercutem positivamente na elevação do status de saúde da comunidade escolar. No Brasil, o reconhecimento da atuação da enfermagem no âmbito escolar ainda é incipiente e observa-se a necessidade de especialização da categoria para atenuar a perda de espaço profissional, a exemplo do que já foi observado em outras situações epidêmicas no país

Diante das necessidades relacionadas à pandemia, a realidade atual evidencia a escola como importante campo para a atuação da enfermagem. Diante do novo modo de viver em coletivo, o replanejamento das atividades de ensino requer um olhar especializado capaz de propor medidas sanitárias efetivas, identificar pontos de melhoria, acompanhar a evolução da infecção na comunidade estudantil, bem como promover o cuidado com a saúde por meio de ações educativas especializadas.

REFERENCIAS

1. Khattab N, Abbas A, Abbas AR, Memon SF. Children returning to schools following COVID-19: A balance of probabilities – Letter to the Editor. *Int J Surg.* 2020;79:202-3. <https://doi.org/10.1016/j.ijssu.2020.05.084>

2. Viner RM, Russell SJ, Croker H, Packer J, Ward J, Stansfield, et al. School closure and management practices during coronavirus outbreaks including COVID-19: a rapid systematic review. *Lancet Child Adolesc Health*. 2020;4:397–404. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30095-X](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30095-X)
3. The Lancet Child & Adolescent Health. Pandemic school closures: risks and opportunities. *Lancet Child Adolesc Health*. 2020;4(5):341. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30105-X](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30105-X)
4. Armitage R, Nellums LB. Considering inequalities in the school closure response to COVID-19. *The Lancet*. 2020;8:e644. [https://doi.org/10.1016/S2214-109X\(20\)30116-9](https://doi.org/10.1016/S2214-109X(20)30116-9)
5. Vale EG, Pagliuca LMF, Quirino RHR. Saberes e práxis em enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2009;13(1):174-180
6. Figueiredo TAM, Machado VLT, Abreu MMS. A saúde na escola: um breve resgate histórico. *Ciênc saúde coletiva*. 2010; 15(2):397-402.
7. Osmo A, Schraiber LB. O campo da Saúde Coletiva no Brasil: definições e debates em sua constituição. *Saúde Soc*. 2015; 24(supl.1):205-18.
8. Battolla J, Bortz JE. Los orígenes de la salud escolar en Buenos Aires. *Rev Hosp Ital B Aires*. 2007; 27(2):87-96.
9. Zucoloto PCSV. O médico higienista na escola: as origens históricas da medicalização do fracasso escolar. *Rev bras crescimento desenvolv hum*. 2007;17(1):136-45.
10. Rasche AS, Santos MSS. Enfermagem escolar e sua especialização: uma nova ou antiga atividade. *Rev Bras Enferm*. 2013; 66(4):607-10.
11. Pires LM, Queirós PS, Munari DB, Melo CF, Souza MM. A enfermagem no contexto da saúde do escolar: revisão integrativa da literatura. *Rev enferm UERJ*. 2012; 20(esp1):668-75.
12. Brasil. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. *Diário Oficial da União* 5 dez 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm.
13. Christmann M, Pavão SMO. A saúde do escolar cuidada por práticas governamentais: reflexos para a aprendizagem. *Revista de Educação PUC-Campinas*. 2015;20(3):265-77.
14. McDonald CC. Reopening Schools in the Time of Pandemic: Look to the School Nurses. *J Sch Nurs*. 2020:1-2. <https://doi.org/10.1177/1059840520937853>
15. National Association of School Nurses. Framework for 21st Century School Nursing Practice: Clarifications and Updated Definitions. *NASN*. 2020: 35(4): 225-33. <https://doi.org/10.1177/1942602X20928372>